



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 10 – Nº 22 - Julho - Dezembro 2015

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Autora:

KRUG, Flavia Susana¹

¹ Mestranda em Letras – Universidade de Passo Fundo – UPF. Graduada em Letras Português e Respektivas Literaturas – Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões – URI. Professora. Secretária Escolar. Escola Marista Nossa Senhora Medianeira. Rua Valentim Zambonato, 85. Centro. Erechim/RS. CEP: 99700-000. flaviakrug@hotmail.com

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

RESUMO: O artigo em questão foi pensado e elaborado com a finalidade de chamar a atenção dos profissionais da educação, mediadores do saber ler dos alunos, em relação à necessidade de estratégias e recursos adequados para a prática leitora destes, haja vista o desprovimento de criticidade e entendimento, na grande maioria dos leitores, e as várias formas incorretas de se pensar de praticá-la. Preocupou-se, também, em reforçar o valimento de se mediar a leitura, estimulando os usuários a descobrirem, por meio dela, o prazer do texto, apresentando-o como um lugar legítimo para trocas de experiências literárias de forma prazerosa, tendo em vista que o ato de ler, uma vez compartilhado, permite ao leitor interpretar o texto de diversas formas, acolhendo a intertextualidade que este proporciona. Enfatizou-se, ainda, o valimento da prática da leitura em tempos de sociedade contemporânea que busca, contingentemente, formar leitores em diferentes faixas etárias, mediante o deleite do hábito de ler.

Palavras-chave: Leitor. Leitura. Conhecimento. Educação.

ABSTRACT: The article in question was planned and executed in order to draw the attention of education professionals, mediators to read the students in relation to the need for strategies and resources to practice reading these, given the dismissal of criticality and understanding, the vast majority of readers, and several incorrect ways of thinking to practice it. Worried, too, to strengthen the importance to mediate reading, encouraging users to discover, through it, the pleasure of the text, presenting it as a legitimate place for exchanges of literary experiences in a pleasant way, with a view that the act of reading, once shared, allows the reader to interpret the text in various ways, welcoming the intertextuality that this arrange. It was, emphasized also, the reading practice of important in contemporary society from time to search, contingently, educating readers in different levels by the delight of the habit of reading.

KEYWORDS: Reader. Reading. Knowledge. Education.

1 INTRODUÇÃO

A leitura é responsável por contribuir, de forma significativa, à formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma.

Para que essa eflorescência de fato aconteça, é primordial que a leitura propriamente dita ocorra em ambientes favoráveis à sua aquisição, mas, acima de tudo, seja propiciada, respeitando o nível sociocultural do leitor. Para tanto, uma das ferramentas insubstituíveis, que condicionam esse aprender, é o domínio da linguagem, adquirido a partir da leitura e da escrita que, por sua vez, repercutirão em todas as áreas do conhecimento.

A leitura, parte fundamental do saber, fundamenta nossas interpretações e nos viabiliza a compreensão do outro e do mundo. É por meio do texto que adquire-se e formata-se posicionamentos, questionando acerca da potencialidade e opiniões de autores e assim refletir e formar nossos próprios conceitos e consequentes ilações.

1.1 O PROFESSOR, MEDIADOR DO PROCESSO

Pensando dessa forma, o mediador responsável pela aquisição da prática da leitura - o professor - deverá elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, de forma consciente pela prática concreta e efetiva do ler, pois somente quem se relaciona com livros, de maneira preciosa, será detentor do poderio de gerar novos bons leitores.

Para tanto, como mediador desse processo de transformação de hábitos, o professor deverá explicitar aos seus alunos que, ao ler-se, realiza-se um exercício amplo de raciocínio, tornando-nos indivíduos praticantes da categoria, sujeitos cultos, justos, solidários, sábios e criativos.

Um profissional da educação sem preparo, que pouco conhece os textos em circulação, desprovido de recursos para conduzir seus alunos ao caminho da leitura, desconhecedor de técnicas e metodologias adequadas, não se efetivará nesse processo. Ele, como mediador do hábito de ler, deverá propiciar atividades práticas que se fundamentem nessa lógica, criando diferentes momentos de leitura alicerçadas em estratégias capazes de promover distintos níveis de letramento.

Sabe-se que a mediação da leitura ocorre, sem sombra de dúvidas, na escola e pelo professor, que por sua vez, tem a incumbência de formar-se *professor leitor* e posteriormente, *profissional leitor*. Para tanto, caberá a ele desenvolver-se enquanto pessoa e profissional, de direitos e deveres, usufruindo da prática da leitura, a fim de contribuir com o exercício de uma cidadania crítica e justa. Ao buscar novas práticas leitoras, o professor obterá oportunidades, sempre renovadas, melhorando, significativamente, estruturas textuais disponibilizadas em seu dia a dia, além de refinar seu conhecimento literário. A escolha de bons livros, em especial os literários, favorecerá sua capacidade de criar, sensivelmente, sua individualidade cultural, comprometendo-o com demais práticas fundamentais do ato de ler.

Segundo Silva (2009), é papel do professor refletir coletivamente sobre sua bagagem cultural, cruzando novos horizontes, impenetrando e acionando o mecanismo de aprendizagem, a fim de integrar interdisciplinariedade e planejamento com harmonia e coerência.

Para quem mostra o caminho das palavras, de maneira alguma incorrerá na incredibilidade sobre sua essencialidade como alguém que domina o conhecimento nessa área como profissional. Tão importante quanto ensinar a ler, é formar um bom leitor.

Vivenciar nos dias de hoje, o acelerado crescimento de estratégias e mudanças, submete-nos à implantação de novas práticas pedagógicas, que visem atender os interesse e

necessidades das crianças e jovens, frente a um mercado acirrado de trabalho. Apesar de tantas transformações, os pequenos e os jovens, dominam, habilmente as novas tecnologias, mais até que nós professores, nos relacionamos com tais recursos. Sendo assim, deve-se provocar não somente o resgate pelo gosto da leitura, mas também e em especial, a compreensão da mesma. Nesse processo, o professor identificará interesses e dificuldades do ato de ler em seus alunos, proporcionando-lhes ampliar e estreitar o diálogo. Com isso, reforçará a leitura, frente às modificações modernas que enfrenta-se, proporcionou como até então, e proporcionar-lhes-á, futuramente, bem mais.

1.2 LEITURA E LEITOR

Dentro desse contexto, "saber ler" e "formar um leitor" demandam diferenças a serem consideradas. Para a primeira, trata-se de decifrar a mensagem simbólica, expressada por meio das sílabas que formam as palavras, enquanto que, na segunda, o sujeito leitor é induzido a aprender a compreender, interpretar e inserir-se no universo do pensamento de outra pessoa - o autor - compartilhando pensamentos, ideias e hipóteses, aceitando, ou contrapondo-se ao que analisa.

A leitura não deve ser concebida como um processo de decodificação, por envolver-se muito mais do que apenas aspectos de decodificação do escrito. Ela proporciona ao leitor, o contato com o seu significado seguindo seu conhecimento de mundo, possibilitando assim, afirmar que todos, ao lerem o mesmo conteúdo, obterão compreensão e interpretação diversificadamente, ao interagir com o texto. O leitor realiza o processo de maneira ativa, enriquecendo a leitura que contribuirá com seu saber, que se propõe fazer.

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto, precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como propagandas, receitas, notícias, informações, anotações) quer estéticas (como narrativas e poemas) (AGUIAR, 1996).

A leitura constitui também uma prática social, pela qual o sujeito, ao praticar o ato de ler, mergulha no processo de produção de sentidos, e esta tornar-se-á algo inscrito na dimensão simbólica das atividades humanas. Sendo assim, falar em atividades humanas, aqui, é tratar de uma linguagem, do recurso pelo qual o homem adentra o universo da cultura, configurando-se com um ser culto, racional e pensante.

A leitura propõe, ainda, interação entre diversos fatores para que haja realmente o “processo de ler”. Vale ressaltar que aspectos psicológicos e pedagógicos deverão ser levados em consideração. Dessa forma, esse processo perpassará diferentes linhas teóricas, enfocando equilibradamente os demais aspectos que conferem ênfase a um único interesse: compreender e interpretar o texto, auferindo todas as informações nele contidas.

É o leitor quem atribui significado ao texto, processando diversificadamente as informações nele constantes. É relevante afirmar que os significados do texto baseiam-se em sistemas interacionais esquematizados para o leitor; já os do escritor relacionam-se com ele na forma de interação.

Segundo Koch e Elias (2008), a leitura está além de apenas ocupar um importante espaço na vida do leitor. Para as autoras, o ato de ler constitui-se da junção entre os sujeitos sociáveis com a linguagem sociocognitiva, o que lhes possibilita um contato eficaz com elementos significativos do texto. Sendo assim, o leitor é posto em contato direto com as palavras, de maneira peculiar, percebendo o elevado grau de sentido que elas preservam.

Notam-se, constantemente, indagações acerca da real importância da leitura para os membros de uma sociedade. Observa-se também, que o mesmo grupo de indivíduos, anseia pela necessidade de nutrir o conhecimento, especialmente, por meio da leitura. É fato que tal lacuna, poderá ser suprida corretamente, por intermédio das diferentes maneiras de aplicabilidade do elemento de informação. Concebendo que, a leitura decorre do entendimento entre sujeito, língua, texto e sentido, adotados na respectiva sequência, a representação do pensamento, estará assegurada e promoverá a captação mental do leitor, de maneira absoluta.

O mesmo acontecerá com o entendimento da leitura, levada à sério, sem menosprezar as experiências e conhecimento, próprios do leitor, compreendendo propósitos consolidados ao longo de sua caminhada, e para tanto, tais suportes, servirão de condução para atividades interativas entre *autor-texto-leitor*, servindo muito além de um simples produto codificado para conhecimento, transmitido ao receptor de forma passiva (Koch & Elias, 2008).

Todo conhecimento que o leitor possa ter, encontra-se armazenado na memória, e esta, por sua vez, organiza-o adequadamente, gerando espaço para as inúmeras informações que esse mesmo leitor agregará para si, ao longo de sua rotina como praticante da leitura.

É impreterível que se promova um trabalho produtivo da leitura, a fim de contribuir para a formação do sujeito leitor, de forma que possa identificar-se no texto, ou nas suas leituras plurais, não somente como um consumidor de livros, e sim, um produtor destes à

medida que preenche as lacunas existentes na obra lida, mergulhando na ambiguidade dos textos e encontrando significados mais profundos nas entrelinhas dos textos.

Percebe-se, dessa forma, quão importante é a habilidade de leitura, que ultrapassa os limites da decodificação, efetivando-se como ação, que prepara leitores capazes de participarem da sociedade na qual estão inseridos e, acima de tudo, exercendo o direito e o dever de transformá-la. Para que isso ocorra, necessariamente, recorre-se à disponibilidade do professor, para agir como mediador do processo, atentando para o caráter social do ato de ler. Com efeito, no momento da leitura, trocam-se valores, crenças, gostos, que não pertencem somente ao leitor, nem tão-somente ao autor do texto, mas, sobretudo, a um conjunto sociocultural.

Nos atuais dias, a leitura tão somente abriu-se para receber pesquisadores, como também, proporcionou lugar amplo para inúmeras discussões, sobre torvações e anseios dos profissionais da educação, sejam por razões leigas, profissionais ou de cunho institucional. Prova disso, são os diversos simpósios, sessões, encontros, fóruns e afins dedicados ao assunto, os quais oferecem propostas teóricas, metodológicas, científicas e políticas, visando amenizar incertezas dos profissionais da área.

Para Orlandi (1995), o sujeito leitor é quem, em sua preexistência, se torna produtor da interpretação do texto, ao mesmo tempo em que, coloca-se como contemporâneo a ele, produzindo leitura, especificamente de sentido, garantindo sua eficácia, organizando-se com seu conhecimento de um eu-aqui-e-agora, relacionando-se com ele sem perder sua originalidade.

Conforme observa Lajolo:

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham u papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere. (1996, p. 28)

De acordo com Lajolo (1996), a leitura é a estratégia eficaz no processo de ensino-aprendizagem, sendo praticada pelos alunos de diversas formas e métodos. É possível orientá-la de maneira que a expanda-se muito além das notas das aulas: sublinhando pontos importantes de um texto, monitorando a compreensão na hora do ler, empregando técnicas de memorização, elaborando resumos, planejando e estabelecendo metas, entre outras. Com

absoluta certeza, tal mecanismo favorecerá o desenvolvimento da leitura de maneira produtiva.

A leitura permite o despertar de sentimentos e emoções, inspirando-nos a um ambiente repleto de possibilidades formuláveis, tantas quantas vezes forem necessárias, haja vista, o leitor, permitir-se conhecedor da sua aptidão em maior escala de pretensões, estabelecendo desta maneira, uma sólida relação de dados concisos, permitindo-se inferir, comparar, questionar, relatar e observar a essência do conteúdo. Justifica-se ainda, que o leitor, é agente ativo da constante busca de conhecimento, e necessita afirmar sua posição social, cultural e humana dentro do contexto que preconiza, sem fragilizar a pluralidade intelectual.

Preocuparmo-nos com uma leitura que apenas valorize os elementos formais do texto, é tratá-la como decodificação de palavras escritas, tornando-nos coniventes com o fracasso escolar do aluno. Seria o mesmo que pensar o ensino da leitura como não fundamental para solucionar os problemas relacionados ao pouco aproveitamento escolar dos estudantes, tratando-a tão-somente como exigência presente no conjunto de disciplinas ofertadas pela escola, demonstrando, assim, ser a responsabilidade, pela formação do aluno leitor, exclusiva dos professores de Língua Portuguesa e não, de uma forma geral, por todos os demais professores em suas respectivas áreas.

Segundo Freire (1994, p.11), a “leitura precede a palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Pensando assim, a leitura da palavra não pode deixar de considerar o conhecimento de mundo que cada leitor possui, adquirido em seu contexto, suas vivências sua realidade. Linguagem e realidade se fundem dinamicamente, evidenciando que a compreensão do texto, de modo crítico, implicará relações entre texto e contexto.

Ao realizar a compreensão e interpretação da narrativa, observados os propósitos do autor, o sujeito adentrará, letra por letra, mergulhando no enredo lido, permitindo-se avançar, esclarecer e validar suposições. Acredita-se então, que esse mesmo leitor, seja capaz de processar, criticar, contradizer e avaliar as informações que estão diante dele, apurando o significado obtido (SOLÉ, 2003).

1.3 A ESCOLA COMO PARTE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO LEITORA

Levando em conta de que a escola é responsável direta pelo ensino da leitura, cabe-lhe refletir e redirecionar sua postura diante da prática. Dependendo de como for conduzida, ela

poderá transformar o aluno em um leitor ou distanciá-lo do processo e, na maioria das vezes, para sempre.

Oportunamente, Manguel (2000), reforça a tarefa da escola em proporcionar aos estudantes, o espaço ao ato de ler, permitindo-lhes, “confortável, solitário e vagarosamente sensual” (p.11), o convívio fascinante com a leitura.

É premente a existência de estudos sobre as práticas de leitura em sala de aula, que envolvam atividades propostas pela escola e que, realmente, contribuam para a formação de um sujeito leitor, capaz de posicioná-lo criticamente frente às informações que lhe estão disponíveis.

Cabe à escola organizar, criar e adequar, em sua grade curricular, propostas e estratégias efetivas de leitura, favoráveis à formação de leitores competentes, estando atenta às questões sociais em que ela estiver ausente. Tal situação torna-se mais presente com o passar dos dias, confirmando-se como um dos motivos relacionadas à exclusão social e cultural dos membros de uma sociedade detentora de inúmeros contrastes.

Para Orlandi (1995), a leitura em seu objeto, o texto, fonte de sapiência da realidade, além de conectar sala de aula e sociedade, é revelação ideológica reificando, o ambiente escolar, caminho condutor para inovação das linguagens.

Da mesma forma, Pulcinelli (1995), entende que o elemento leitura, repercute no comportamento do mediador, base indispensável onde se inicia a trajetória do indivíduo em seu cenário de leitor: a sala de aula.

Como se pode observar, analisar as estratégias desenvolvidas pelo professor, no ambiente de aprendizagem, as quais desencadeam e/ou desencadearão, diretamente no seu exercício da leitura, permitirá, resultados pedagógicos com consequências determinantes para o aprendiz, tanto quanto para o próprio profissional e sua instituição de ensino.

Pode-se entender que a função da escola consiste em desenvolver no educando a capacidade de aprender a aprender, estruturando suas práticas pedagógicas com vistas à formação moral e social do indivíduo, incluindo a estruturação de um sistema contínuo de troca de informações, amparado por uma biblioteca com acervo capaz de suprir as demandas da leitura, bem como por outros ambientes de apreciação da escrita onde haja circulação e aproveitamento do conteúdo de livros, recorrendo a profissionais qualificados. Caso a escola não atenda a esse propósito, caberão a esta a criação e ampliação de seu espaço físico e dos subsídios que auxiliam tais práticas, recorrendo aos recursos que lhe são por direito designados.

Para uma grande massa da população, na grande maioria das vezes, a única proximidade com o livro, faz-se no encontro com colegas, professores e escola. Aqui, deparamo-nos com o maior desafio do mediador da leitura, que consiste em perceber, pensar, orientar e executar a mesma, parte substancial do processo de ensino-aprendizagem, com ampla expressividade, agregando diferenciais ao que será projetado e sua execução, possibilitando intimidade com coerência diante do hábito de ler, fortalecendo vínculos do leitor com tal prática, eliminando, portanto, a tão percebida aversão ao mesmo.

Na visão de Soares (1999), para haver escola, faz-se necessária adequada escolarização, substancial conhecimento, aquisição de saberes, responsabilidade, integridade e respeito, acima de tudo com os estudantes e a representatividade que ela, instituição mediadora dos alicerces do conhecimento, desempenha no atual cenário cultural, político e social da esfera a qual pertence. Convém lembrar ainda, a advertência que a autora faz em relação ao processo de escolarização, submeter-se ao modo de *como e para que* aprendemos, ser inevitável, haja vista tratar-se da fundamentação escolar para a qual foi instituída e constituída, não havendo maneiras de evitar que o *saber escolar* floresça, contribuindo, substancialmente, para a formação do caráter dos cidadãos. Não fazê-lo, seria minorar a real finalidade e o propósito primeiro, destinado para a instituição, a qual detém a incumbência de formar, dissimular e aguçar o intelecto do sujeito.

Conforme Grazioli e Coenga:

Partilhar é o termo ideal, porque antes de tudo, leitura é uma experiência que envolve a troca, o diálogo e a interação. Muito se ouve falar que os alunos não leem. Há uma questão, no entanto, que deve anteceder a essa: como o professor enfrenta o desafio da leitura? Nesse sentido, o professor que deseja formar leitores e promover em sala de aula precisa se perguntar antes: Como me tornei leitor? Como descobri o interesse pela leitura? Qual a experiência de leitura que eu tenho que partilhar com os outros? (2014, p. 191)

Entretanto, Grazioli e Coenga (2014) ressaltam que calhar ao professor, a missão de atrair os alunos para o traquejo da leitura, diferenciadamente, sobressaindo-se por meio da criatividade e expressividade. Causar, anseio, pela sensatez à leitura, a fim de torná-la agradável e, com efeito, exigirá do preceptor, perspicácia e autenticidade ao fazê-lo com encantamento e devoção, munindo-se de artifícios persuasivos, os quais envolverão o leitor, levando-o a relacionar-se sincera e esmeramente com a narrativa, inicialmente, proposta e posteriormente, quista.

Contudo, Pulcinelli (1995) nos lembra que a leitura, constitui por vezes, uma interpretação unilateral, sugerindo que os valores proporcionados por ela, são aqueles ditos pelas classes dominantes – as quais veem a leitura como fruição, lazer, alcance de horizontes e experiências - definitivamente diferenciados das classes dominadas – que a percebem como instrumento de sobrevivência cultural, facilitadora do mundo competitivo de trabalho e das condições de vida. Além disso, a sociedade capitalista aceita tal diferenciação do valor que a leitura possui, conferindo à escrita, a função de discriminação, privilegiando o ato de ler-escrever, de forma a produzir e franquear a diversidade do conhecimento.

Nesse sentido, Lajolo (1996) sugere práticas de leitura na escola e na sociedade, abrangentes, eficazes e conscientes, bem como o reconhecimento daquelas que exibiram as metas estipuladas, revisando fundamentos teóricos e metodológicos do texto, ao longo de sua tradição, consoante com as práticas sociais e pedagógicas até então executadas.

A esse respeito Zilberman (1995), afirma que a leitura se concretiza ao criarmos conceitos de produção para entendimento das narrativas, e somente na interação dos interlocutores com a discursividade, definir-se-ão condições e fatores adequados que efetivarão o processo de ler. Constituir a leitura, a partir de experiências, é reconhecer as diferenças sem discriminá-las, facultando ao leitor, à medida que participá-la, constituir-se, representar-se e identificar-se sujeito ativo e participativo num determinado grupo social.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O real significado de um texto escrito não se encontra nas palavras e no pensamento do escritor, mas na compreensão de seu leitor e na interação que surgirá entre estes em que o processo de intercorrespondência e intercomplementaridade.

Para o verdadeiro leitor, um texto não terá significado similar ao que apresenta pura e simplesmente. Para o leitor existe a dimensão que se concretiza na escrita, coexistindo em aprimoramento visual, de forma sutil e quase tátil, permitindo a ele descobrir os sentidos plantados nas entrelinhas.

O leitor deverá ser capaz de extrair da leitura diferentes acepções ao interpretar o universo escrito, incluindo-se em um contexto reflexivo em que vivências diferentes do autor e do leitor se contextualizarão em simbologias não necessariamente idênticas. Tão importante quanto formar bons leitores, será o desafio dos mediadores em sensibilizá-los para a grandeza da leitura.

Cabe aos mediadores pensar a leitura, basicamente, em relação ao fato de que esta faculta, ao ser humano, seu sucesso, tomada de consciência e seu status, tornando-se essencial para o seu cotidiano. Dessa forma, a escola deverá propiciar condições adequadas para que tais convívios ocorram, com a finalidade de proporcionar ao aluno aprimorar-se na construção do conhecimento significativo.

É aconselhável que o mediador da leitura – o professor – detenha meios adequados e condizentes para o bom desempenho da mesma. Convém, no entanto, que ele ao designá-las, as pense como contribuição para o desempenho futuro de cidadãos conscientes para com um corpo social, no qual, comportamentos e valores desafiam o potencial educativo dos sujeitos.

Conceber a leitura, direcionando leitor e discernimento, a fim de promover a construção de sentidos entre elemento humano e narrativa, requer olhar atento em relação aos estudos e discussões, realmente necessários para ensinar a assimilar as bagagens inescusáveis em relação ao verdadeiro significado do texto. Percebendo haver tal junção, torna-se indispensável tramar antecipações e hipóteses, com a finalidade de fortalecer a competência leitora para reafirmar valores, conjugando habilidades e alicerçando saberes competentes.

Visando tal propósito, as discussões teóricas em relação às estratégias de leitura, necessitam entender-se com a prática, extraindo dentre as mais diferentes temáticas disponibilizadas pelos conhecedores do assunto - os especialistas de todas as esferas – caminhos pedagógicos para uma pedagogia de leitura, amparados por novas aquisições de linguagem, a fim de não se perder vínculos históricos da leitura com a sociedade. De outro modo, as propostas tornar-se-ão, em síntese, sem sentido de conclusão, fechando-se para as astúcias inovadoras, atentas ao caráter interdisciplinar da prática leitora.

Preocuparmo-nos com a leitura, um dos pilares básicos da educação, é assumir, instantaneamente, o componente popularizante que ela representa. Da mesma forma que outrora, confundia-se o *ler* com o *alfabetizar* – pois a leitura fazia-se introduzir a partir do alfabeto e seu domínio – percebe-se seu crescimento notório, exigindo, atualmente, além dos conceitos tão conhecidos, tornar os signos da escrita, tangíveis para as crianças, a partir conhecimento de profissionais especializados.

Contudo, é preciso notar que o desempenho do professor, para com a atividade de ensinar, converteu-se com o passar dos anos, em finalidade para si mesmo. Nada se modificou para a escola, com o ler e escrever juntamente dispostos. Tendo em vista a relação pela qual o sujeito é estimulado e incentivado - texto escrito de qualquer natureza, tipo, linguagem utilizada, produção e destino – não se dá de forma espontânea. Será preciso a experiência do

professor, com seus atributos e percepção, incorporar novos elementos para ocorrer a passagem de um simples receptor de informação a um leitor apto frente aos impactos elevados da sociedade.

Ler permeia uma das obrigações da escola na qual as crianças estão, na sua grande maioria, presentes em tempo integral. Para que o ato de ler não torne-se intransitivo e inexplicável, de forma emprestada aos pequenos, é profícua a condição do professor leitor, indispensável à ascensão de novos patamares de ensino, a fim de se configurar, no atual cenário desolador da educação, relevante trajetória vitoriosa, independendo do ganho pessoal, econômico ou individual dos profissionais didáticos.

Preocupar-se com a leitura realizada por crianças, jovens e adultos, é acima de tudo, ater-se e não negligenciar, princípios e traços dos atributos literários, estéticos e artísticos, encontrados nas narrativas. Relacionar temas presentes e objetivos, ajusta e oferta, substancialmente, peculiaridades e elementos indissociáveis que somente a leitura resguarda. Tais elementos servirão de alicerces para compreender, interpretar, produzir e recriar, a partir de uma determinada conjuntura.

Nestas condições, cabe ao mediador, conferir, de fato, que toda a narrativa em relação à leitura, possui diversos segmentos de entrada (multiplicidade de colocação do sujeito), e saída (diferentes percepções e atributos de sentido). Tais fundamentos fornecem subsídios necessários ao leitor, permitindo-lhe que percorra diversos direcionamentos, nem sempre previsíveis nem tampouco, sistematizados, mas providos de perspectivas passíveis de entendimento, os quais o colocarão em posição de sujeito-leitor-ativo. Essa alternativa produzirá sentido à criança, conferindo-lhe uma relação dinâmica entre *construir* e *formular* significação acerca da leitura inteligível, interpretável e compreensível.

É preciso compreender a leitura, como elemento fundamental para a aproximação do leitor com o mundo que o cerca e que a prática proporciona o alargamento de possibilidades para sua efetivação. Abordar a leitura como finalidade geradora de perspectivas, é capaz de proporcionar parcerias importantes que viabilizam o diálogo entre leitor e autor.

Segundo Pullin e Moreira:

Para que um texto tome vida, há que o leitor não só reconheça as informações pontuais nele presentes, mas que aprenda quais sentidos foram produzidos por quem as escreveu. Levantar hipóteses e produzir inferências, antecipe aos ditos no texto e relacione elementos diversos, presentes no mesmo ou que façam parte das suas

vivências como leitor. Ao assim proceder, o leitor compreenderá as informações ou inter-relações entre informações que não estejam explicitadas pelo autor do texto. Por isso, a leitura é uma produção: a construção de sentido se atrela à realização de pelo menos esses processos, por parte do leitor. A compreensão do texto lido é resultante dessas produções: prévias, por parte de quem as escreveu, e das que ocorrem ao ler, por parte do leitor (2008, p. 35).

Fica, pois, claro, em nível de conclusão, que é perfeitamente possível, aceitar o fato de que dominar o saber e qualquer informação loquaz, fundamenta-se na decorrência de introdução da narrativa, em suas variadas formas de expressividade, observadas as adequações do outro, independente da capacidade de inteligibilidade, descrição do material utilizado, e estratégias persuasivas para a mediação da leitura, ser de total e irrevogável cumplicidade do professor, redefinir a caminhada e descoberta da comunicabilidade social, cultural e pessoal de seus educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vanda T. **O leitor competente à luz da teoria da literatura**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 124, n. 5/6, p.23-34, jan./mar. 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 29. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GRAZIOLI, Fabiano T.; COENGA, Rosemar E. **Literatura Infanto juvenil e leitura: novas dimensões e configurações**. Erechim: Habilis, 2014.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Maria V. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

MANGUEL, Alberto. **No bosque do espelho: ensaios sobre as palavras e o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo, Brasiliense, 1995.

_____. **Discurso e Leitura**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PULLIN, Elsa M. M.P.; MOREIRA, Lucinéia de S. G. **Prescrição de leitura na escola e formação de leitores**. Revista Ciências & Cognição, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: como definir, como avaliar, como medir**. In: SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Ler, leitura, compreensão:** “sempre falamos da mesma coisa?” Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura:** Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1995.